

O GRAFITE COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E PRÁTICA ESPACIAL NA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Denise Antonucci¹
Gabriel Noriyuki de Andrade²
Leonardo Ferreira da Silva³

¹Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU Universidade de São Paulo

²Mestre em Educação Arte história da cultura Cultura pela
Universidade Presbiteriana Mackenzie.

³Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie

{RESUMO}

O presente artigo relata e analisa a experiência de uma oficina teórico-prática de grafite e intervenção urbana desenvolvida na Universidade Presbiteriana Mackenzie, como atividade de extensão no âmbito do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), oferecida às turmas de graduação em Arquitetura e *Design*. Diante da consolidação da arte mural como fenômeno visual de relevância para a produção do espaço urbano contemporâneo e da crescente demanda por novos instrumentos de análise, a atividade ofereceu uma contribuição pedagógica direta. A fundamentação dos encontros abordou o percurso histórico e as perspectivas da intervenção gráfica, desdobrando-se em um trabalho de campo estruturado. No território, a metodologia consistiu na execução de pinturas murais coletivas na alvenaria do Jardim Piratininga, processo desenvolvido pelos estudantes sob a mediação de um artista local.

Palavras-chave: Grafite; intervenção urbana; ensino de arquitetura; território.

{ABSTRACT}

This article reports and analyzes the experience of a theoretical and practical workshop on graffiti and urban intervention developed at Universidade Presbiteriana Mackenzie, as an extension activity within the scope of the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PPGAU), offered to undergraduate classes in Architecture and Design. Given the consolidation of mural art as a visual phenomenon of relevance to the production of contemporary urban space and the growing demand for new analytical tools, the activity offered a direct pedagogical contribution. The foundation of the meetings addressed the historical trajectory and perspectives of graphic intervention, unfolding into structured fieldwork. In the territory, the methodology consisted of the execution of collective mural paintings on the masonry of Jardim Piratininga, a process developed by the students under the mediation of a local artist.

Keywords: Graffiti; urban intervention; architecture education; territory.

1 Possui graduação em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1975), mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professor adjunto I do Instituto Presbiteriano Mackenzie, professor/pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora convidada do PPGAU - Mackenzie. Coordenadora de Grupo de Pesquisa 'Projeto, Produção e Gestão de Habitação Social. Participa de grupos pesquisas relativas a Espaços Públicos, Patrimônio Histórico e Arquitetônico. Urbanização de favelas (NAPPLAC, FAUUSP).

2 Mestre em Educação Arte história da cultura Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Desenvolve pesquisas sobre arte urbana, explorando como essas manifestações interagem com a cidade e a sociedade. Seus estudos têm como foco o grafite ativista, o pixo clubístico e a arte a céu aberto.

3 Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com pesquisa em Políticas Públicas de Habitação Social, e mestre em Cidades Inteligentes e Sustentáveis pela Universidade Nove de Julho. Possui especializações em Docência no Ensino Superior e em Projeto e Construção de Aeroportos, além de graduação em Tecnologia de Transporte Terrestre e formação internacional em sustentabilidade pela Universidade de Haifa (Israel). É Professor Adjunto II do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Cruzeiro do Sul e Consultor de Sustentabilidade da CIETAM. Atua nas áreas de Urbanismo Social e Sustentável, Políticas Habitacionais, Planejamento Urbano, Sustentabilidade Urbana, Infraestrutura de Transportes e Desenvolvimento Regional.

{INTRODUÇÃO}

A manifestação artística do grafite consolidou-se como um dos fenômenos visuais mais expressivos e disputados na paisagem da cidade de São Paulo. Desde a década de 1980, com a emergência do movimento Hip Hop, a construção de murais e intervenções urbanas tornou-se uma ferramenta de reivindicação: muros que "dormiam brancos e acordavam coloridos" passavam a expressar o desejo de artistas ocuparem a cidade em sua plenitude. Esse movimento complexo não apenas alterou a estética urbana, mas forçou uma reflexão.

Surgiram, documentaristas e teóricos como Celso Gitahy (1999) tensionaram o debate ao levantar uma indagação basilar: "afinal, o que é o grafite?". Passadas décadas, a dinâmica das ruas mantém essa pergunta aberta, exigindo constantes novas chaves de leitura diante da morfose da arte urbana.

Atualmente, observa-se que o grafite transcendeu o estigma de marginalidade para assumir o centro dos debates sobre identidade visual e cultural. O mercado da arte e a gestão urbana absorveram essa estética para compor fachadas e grandes exposições, dando visibilidade a nomes como Kobra, Os Gêmeos, Titi Freak e Binho Ribeiro. Paralelamente a essa popularização, a academia buscou mecanismos para entender essa evolução. Autores lusófonos como o próprio Celso Gitahy, além de Ricardo Campos e Charbelly Estrella, têm sido essenciais para democratizar o acesso às discussões.

É exatamente no bojo dessa dinâmica e da urgência de compreender o grafite para além de sua dimensão puramente estética que se estruturou a presente experiência pedagógica. Inserido no fluxo de formação de novos profissionais, o curso de extensão intitulado "Grafite no Jardim Piratininga: Uma Experiência" foi elaborado como uma resposta a essa demanda contínua por sentido e técnica.

O projeto foi formulado e abraçado pela compreensão de que as experiências contemporâneas que abordam a arte urbana são fundamentais para a leitura da cidade atual.

O curso foi oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sendo aberto aos alunos de graduação das faculdades de Arquitetura e Design, sem restrições de semestre. Sob a condução da Prof. -, do pesquisador - e do mestre, a iniciativa buscou integrar a teoria acadêmica à vivência prática.

O propósito central consistiu em debater a relevância técnica e social da pintura mural, visando à construção de um repertório cultural sólido nos estudantes. Ao levar o debate para o Jardim Piratininga, a experiência permitiu que os alunos saíssem da abstração teórica e compreendessem a "morfose" da arte em seu habitat natural: a rua. Dessa forma, o curso não apenas ensinou técnicas de intervenção, mas promoveu uma reflexão crítica sobre o papel do arquiteto e do *designer* na construção da identidade visual e na ocupação ética do espaço urbano.

1. Uma experiência com grafite: Teoria e prática.

O percurso pedagógico iniciou-se com o objetivo de deslocar o grafite do estigma de intervenção urbana recente para reposicioná-lo como uma pulsão comunicacional humana inerente à ocupação dos espaços. Para fundamentar essa transição, a metodologia pautou-se em uma discussão dialogada, mediada por análises iconográficas que retratavam as inscrições parietais em distintos marcos históricos, explorando como a manifestação nas superfícies das cavernas, durante o período rupestre, já revelava uma inquietude expressiva.

Com base nos estudos de Justamand (2005), os participantes foram convidados a interpretar essas marcações como técnicas de sinalização e afirmação de presença no território, compreendendo o registro na parede como um documento político e social.



Figura 1 - Breves perspectivas da arte na parede
Fonte: Arquivo dos autores

2. Pesquisa em campo.

Essa fundamentação teórica encontrou ressonância prática na oficina, realizada no Jardim Piratininga, zona leste de São Paulo. A escolha deste local justificou-se pela atuação contínua da universidade em projetos de extensão na região, o que proporcionou uma recepção favorável aos discentes. O foco central foi a participação direta em um festival de grafite, permitindo o contato com nomes consolidados da cena paulistana, como Binho Ribeiro, além de diversos artistas locais. Durante a atividade, observamos que os alunos de Arquitetura e Design demonstraram surpresa com a agilidade da execução e a escala das intervenções nas fachadas, revelando uma transformação visual da paisagem que acontecia de forma imediata.

A experiência permitiu uma discussão sobre os conceitos de Estrella (2015) a respeito da visibilidade urbana, onde os estudantes identificaram o "impacto plástico" como um fenômeno capaz de romper com a percepção amortecida dos trajetos cotidianos. Notou-se que a exacerbação das imagens e o excesso de estímulos da cidade pós-industrial passaram a ser confrontados por meio da arte, reativando a subjetividade do olhar sobre superfícies anteriormente ignoradas. Essa percepção conectou-se à tese de Estrella (2015) de que a materialidade arquitetônica divide lugar com a dimensão imaterial da imagem, criando um vão de produção que reconfigura a geometria do espaço construído.



Figura 2 - Circuito
Fonte: Arquivo dos autores



Figura 2 - Circuito
Fonte: Arquivo dos autores

3. Grafite e São Paulo.

Avançando nesse roteiro de aprendizado, a etapa seguinte integrou a vivência prática à análise da identidade da arte urbana paulistana, com foco na trajetória de Alex Vallauri. Reconhecido como o precursor do grafite no Brasil, Vallauri possui uma importância tão central que a data de seu falecimento, 27 de março, instituiu o Dia do Grafite no calendário oficial. A metodologia baseou-se em uma exposição dialogada sobre sua biografia e contribuição para a consolidação dessa linguagem a partir da década de 1970, utilizando os estudos de Gitahy (1999) e Spinelli (2011) para identificá-lo como o agente que deslocou a arte das galerias para o suporte público. Observamos que foi relevante para o grupo perceber como as marcas deixadas por ele estabeleceram um diálogo direto com a arquitetura e com o cotidiano da cidade. Outro ponto de destaque foi a análise da transição técnica de Vallauri, que utilizou o estêncil e as máscaras de pintura para garantir a reprodutibilidade de suas imagens. Apoiados nas pesquisas de Rota-Rossi (2013), discutimos como esse método exige um rigor no corte e um planejamento prévio que se aproxima do pensamento projetual acadêmico.

Percebemos que os discentes identificaram-se com essa faceta técnica, o que auxiliou na desconstrução da ideia de que o grafite seria apenas um gesto espontâneo, validando-o como uma prática tecnicamente complexa e organizada. A articulação entre esse legado histórico e a precisão do estêncil ofereceu um arquivo vivo de referências que serviu de base para que os alunos iniciassem a formulação de suas próprias propostas de intervenção, agora com um olhar atento à comunicação visual e à capacidade da arte de rua em subverter o cinza da metrópole.

4. Grafite e a parede.

As etapas práticas finais representaram o momento em que os discentes mobilizaram a totalidade do repertório histórico e territorial construído ao longo do curso para a execução direta na alvenaria do Jardim Piratininga. O deslocamento exigiu que o grupo articulasse os aprendizados teóricos com a materialidade da rua. Nessas dinâmicas, os alunos contaram com a instrução de um grafiteiro local, que atuou como mediador técnico e conceitual do processo. Observou-se que a transição do planejamento gráfico para a execução na parede trouxe desafios físicos imediatos, exigindo a adaptação ao peso da lata de spray, a resistência muscular imposta pelo suporte vertical e, sobretudo, o controle milimétrico da pressão das válvulas sobre a superfície de reboco irregular.



Figura 3 - Nuvens
Fonte: Arquivo dos autores



Figura 4 - Flores
Fonte: Arquivo dos autores



Figura 5 - Caricatura
Fonte: Arquivo dos autores



Figura 6 - Pinguim
Fonte: Arquivo dos autores

Durante a pintura, o instrutor estabeleceu um processo de troca de saberes que horizontalizou a relação entre a técnica empírica e o projeto acadêmico. Foi garantido aos discentes um espaço delimitado para a construção de suas próprias produções visuais, permitindo que concebessem e materializassem os personagens que desejavam incorporar à paisagem. Ao aplicarem as paletas de cores e as composições cromáticas assimiladas ao longo do curso, o grupo vivenciou um contato direto e prático com a cultura do spray.

Como síntese do percurso formativo, e com os conceitos de intervenção, grafite e espaço urbano devidamente articulados, a proposta centrou-se na análise da modificação do ambiente a partir de uma perspectiva eminentemente social. A percepção de que a alteração física do espaço afeta a relação subjetiva das pessoas com o lugar foi aprofundada pelo estudo de caso do artista brasileiro Titi Freak em Ishinomaki, no Japão. Ao examinar a pintura dos contêineres que serviam como habitações temporárias após o tsunami de 2011, os alunos compreenderam como a arte, quando aplicada como resposta a uma urgência espacial, modifica a realidade imediata de seus habitantes.

Em um cenário de desastre, onde as moradias eram módulos metálicos absolutamente idênticos e monocromáticos, a intervenção estética assumiu uma função vital de orientação e pertencimento. O relato de uma moradora tornou-se o ponto central da discussão ao destacar que a pintura permitiu que ela finalmente identificasse sua residência entre as fileiras de unidades repetitivas. Esse exemplo prático evidenciou aos discentes o potencial de humanização e de utilidade pública contido na arte urbana.

Essa reflexão sobre a funcionalidade da intervenção conectou-se às proposições de Campos (2023), reforçando que as táticas de mediação na arte possuem a capacidade de reconfigurar o sentido de paisagens precárias e devolver a dignidade ao morador. Sob essa ótica, a pintura consolida-se como um mecanismo de negociação ativa entre o sujeito e a cidade. A partir dessa contextualização teórica e empírica, o debate incorporou as formulações de Telles (2010) sobre a dimensão social da criação estética.

Em vez de conceber a obra como um produto mercadológico destinado ao consumo de grupos de elite, a discussão apoiou-se na premissa do autor de que a manifestação artística constitui um direito universal e uma ferramenta essencial de capacitação humana. Ao representar o seu próprio tempo e responder às necessidades históricas de um determinado momento, a arte atua diretamente na compreensão e na transformação da realidade vivida. A apropriação dessas ideias permitiu que os estudantes reconhecessem que a prática artística atende aos anseios estruturalmente para a construção de uma sociedade democrática.

{CONCLUSÕES FINAIS}

A insurgência dos estudos sobre o grafite em São Paulo, premissa articuladora desta oficina, exige a análise da intervenção visual a partir de sua concretude territorial e política. A dinâmica do grafite, destrinchada ao longo dos encontros e executada na alvenaria do Jardim Piratininga, confrontou os discentes de Arquitetura e Design com a realidade de que a alteração da paisagem urbana pressupõe o tensionamento do planejamento convencional. O percurso evidenciou que a inserção de marcas no espaço público demanda a leitura prévia de um suporte que já carrega as identidades e os conflitos do bairro, afastando a concepção do muro como uma superfície neutra.

Ao transporem o ambiente controlado do ateliê para a rua, os estudantes constataram que o desenho da metrópole requer negociação direta com as lógicas sociais vigentes. A aproximação empírica com a técnica e com os artistas locais demonstrou que a concepção espacial contemporânea atinge sua plena funcionalidade quando condicionada à escuta do território. A integração do grafite ao roteiro de aprendizado forneceu, assim, o instrumental analítico necessário para que formação acadêmica incorpore as narrativas cotidianas da cidade, vinculando rigorosamente o exercício do projeto ao reconhecimento das dinâmicas de apropriação e uso do espaço urbano.

{REFERÊNCIAS}

- CAMPOS, Ricardo. **Mediação para a arte urbana**. [S. l.]: [s. n.], [Ano]. Disponível em: <https://run.unl.pt/entities/publication/0a854daa-6c78-42c1-8ee6e592d12fff2c>. Acesso em: 5 mar. 2026.
- ESTRELLA, Charbelly. **A poética do grafite e a visualidade do ambiente urbano**. Logos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 128 a 149, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14710>. Acesso em: 5 mar. 2026.
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Vida quotidiana na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- JUSTAMAND, Michel. **As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral**. Revista Memorare, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 118 a 141, 2014.
- ROTA ROSSI, Beatriz. **Alex Vallauri: da gravura ao grafite**. Santos: Editora Unisanta, 2007.
- SPINELLI, João J. **Alex Vallauri: Graffiti, fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil**. São Paulo: Editora BEÍ, 2011.
- TELLES, Luiz Benedito de Castro. **Grafite como expressão de arte na paisagem urbana contemporânea: manifestações na cidade de São Paulo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.